

A morte da imperatriz Teresa Cristina no exílio**Sílvia Maria AZEVEDO***

Proclamada a República, e intimados por um grupo de oficiais revolucionários, sob o comendo do major Frederico Sólton Sampaio Ribeiro, D. Pedro II e a família imperial foram obrigados a deixar o Brasil na madrugada do dia 17 de novembro de 1889. Acompanhado por alguns exilados e outros auto-exilados – Mota Maia, o conde Aljezur, os barões de Muritiba, os barões Loreto, a viscondessa da Fonseca Costa e o professor Seybold – o imperador partiu no *Alagoas* rumo a Portugal. Dois dias depois, suspeito de estar envolvido na organização de um partido restaurador da monarquia, Afonso Celso de Assis Figueiredo (1860-1938) abandonou a carreira política e, na companhia do pai, o Visconde de Ouro Preto (1836-1912), banido do país pelo governo provisório, partiu do Rio de Janeiro, a bordo do vapor alemão *Montevidéo*, com destino a Hamburgo.

O relato da viagem de pai de filho na condição de exilados, seguindo a família imperial, está na origem de *O Imperador no Exílio*, obra que trata de algumas ocorrências envolvendo D. Pedro II e presenciadas por Afonso Celso, depois do levante militar de 15 de novembro de 1889. Originalmente capítulo do livro *Vultos e Fatos*, lançado em 1892, depois convertido em obra separada, por iniciativa da prefeitura de Ouro Preto, para distribuição nas escolas e entre as famílias do município, o lançamento de *O Imperador no Exílio* no Rio de Janeiro, em 1893, causou grande polêmica, em virtude do Prefácio, dedicado à Princesa Isabel, onde o autor narra as manifestações de pesar da população carioca, com a notícia da morte do ex-soberano, e a repressão das autoridades do novo regime àquela expressão pública de apreço. Em resposta à obra de Afonso Celso, Felício Buarque publica no Recife, no ano seguinte, *Origens Republicanas*: estudo da gênese política, no qual o autor refutava o livro do Sr. Dr. Afonso Celso e investia contra os monarquistas e sua divinização de D. Pedro II.

O depoimento de Afonso Celso, que durante vinte meses acompanhou com o Visconde de Ouro Preto a trajetória de exilado de Pedro II, é marcado pelo profundo afeto e respeito em relação ao ex-imperador. A experiência do exílio teve como resultado converter o então jovem político que, de opositor do governante, ao tempo da monarquia, quando chegou a atacá-lo ferozmente na imprensa e na tribuna, passou a dedicar-lhe “ilimitada

* Professora Doutora do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP - – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil.. E-mail: silrey@uol.com.br

veneração”. Doenças, a falta de vestuários adequados para enfrentar o inverno na Europa, a morte da imperatriz Teresa Cristina, a ausência de cartas do Brasil, o abandono e a solidão do imperador são aspectos que pontuam o relato de Afonso Celso sobre a família imperial no exílio, quadro da queda do Império brasileiro na perspectiva do privado.

O capítulo 4 de *O Imperador no Exílio*, escolhido para integrar, com atualização ortográfica, a seção “Documentos” da revista *Patrimônio e Memória*, trata da morte da imperatriz Teresa Cristina, em 28 de dezembro de 1889, vítima de um ataque cardíaco. D. Pedro II não estava presente, tendo ido visitar a Academia de Belas Artes, sendo chamado às pressas ao Grande Hotel do Porto. Afonso Celso e o pai, ausentes da cidade, tiveram que esperar o trem, no dia seguinte, para irem prestar condolências ao imperador. A cena desse encontro é marcada por forte comoção e tristeza, protagonizada pela figura do ex-imperador, visivelmente abatido, mas que encontra na leitura da *Divina Comédia*, de Dante, consolo para enfrentar, no exílio, mais um golpe com a morte da imperatriz, companheira de quarenta e seis anos de vida em comum.